

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
CURSO DANÇA BACHARELADO**

Juliano Aguiar Machado



Foto: Rutielle Marques

**O que me move: encontros e potencialidades  
criativas em dança na trajetória do bailarino –  
pesquisador**

Santa Maria

2019

Juliano Aguiar Machado

**O que me move: Encontros e potencialidades criativas  
em dança na trajetória do bailarino-pesquisador.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em  
Dança** no Curso de Dança Bacharelado da Universidade  
Federal de Santa Maria

Orientadora: Profa. Dra. Heloisa Gravina

Coorientadora: Profa. Dra. Andréa do Amparo Carotta de  
Angeli

Santa Maria

2019

## AGRADECIMENTOS

Preciso agradecer em primeiro lugar a minha mãe, Gelcy Ferreira Aguiar, por não desacreditar de mim, por sempre me incentivar a estudar, por me amar incondicionalmente, por aceitar minhas escolhas e me motivar a não desistir, por me ensinar valores imprescindíveis na vida.

Aos meus irmãos, Alex Sandro e Alessandro, e à minha irmã, Janaina. Meu muito obrigado pela compreensão, motivação, respeito por minha profissão, pelo amor e companheirismo que construímos em vida.

A Thays Saires de Moura e sua Família, pelo apoio, respeito, carinho e acolhimento irrestrito durante a graduação.

Aos meus alunos e às minhas alunas de turmas de Dança, agradeço pela rede de afeto, apoio e compreensão em minha trajetória na graduação.

Aos poucos amigos que tenho e que fiz, meu muito obrigado pelo respeito e contribuição ao meu bem-estar, pela rede de amparo.

À 4ª Turma Dança Bacharelado UFSM, pela amizade que se fortaleceu e fez brotar nossa Manada, pela resistência e rede de apoio que construímos. Registro aqui minha admiração e profundo respeito pelo trabalho que vocês constroem.

Aos Professores e Colegas dos cursos Dança Bacharelado e Dança Licenciatura, agradeço pela relevante troca de conhecimento, e pelo apoio na construção do artista que sou hoje.

Ao professor do curso de Dança Bacharelado, Flávio Campos, meu muito obrigado por contribuir para minha formação como indivíduo e profissional, que me ensinou valores irrefutáveis para a boa construção de fazeres e saberes, pelo grande incentivador e motivador de sonhos que tu és.

A minha Orientadora Heloisa Gravina, pela parceria que deu certo, pela multiplicadora de ideias, pela incentivadora impecável que foi neste momento tão importante da minha vida, pela norteadora em minha consciência do que é ser um artista.

A minha Coorientadora Andréa do Amparo Carotta de Angeli, agradeço pela amizade construída, pela sensibilidade na relação com este trabalho, pela forma precisa e afetuosa de me encorajar.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta etapa decisiva em minha vida.

Gratidão a todos!

É quando me torno real,  
quando não sou uma mera subjetividade,  
com desejos e intenções, mas eu construo ali a minha  
identidade e aquilo que passei a ser.

É interessante porque as razões para fazer aquilo que  
faço hoje não são necessariamente as mesmas que eu  
tinha no começo desta trajetória.

Por que eu faço o que eu faço? Porque eu me construí  
como um fazedor disto, e quero me manter nessa  
feitura.

De modo que eu possa continuar me fazendo.

Deixar de fazê-lo agora seria me desfazer.

(Mario Sérgio Cortella, 2018, p.55)

## RESUMO

O trabalho de conclusão de curso Dança Bacharelado tem como campo de investigação a elaboração das minhas potencialidades criativas como bailarino-pesquisador na trajetória da dança, da valorização e o redimensionamento da própria história ao processo de adaptação à graduação, que me propiciou um olhar mais íntimo em relação a mim mesmo e ao conhecimento que vim buscar. Trata da importância do contexto acadêmico na ascensão social negra e na valorização da própria história e trajetória na dança, inclusive das possibilidades de existência, e me trouxe a necessidade de acolher e permitir novas formas no corpo, que me constituíram de um saber mais pleno. A elaboração e a re-significação das formas arraigadas no corpo propiciaram-me um olhar mais sensível para os atravessamentos das diversas perspectivas dos conhecimentos e das práxis, produzindo repertório e resultando em um corpo como orquestra amalgamada. Este trabalho aborda o reconhecimento da resiliência que sempre norteou minha trajetória na dança e na vida até o acesso ao campo acadêmico. A formação acadêmica em dança me fez inicialmente remodelar meu conhecimento, olhar de outras formas, desconstruir padrões estabelecidos, abrir o campo de visão para a pluralidade de modos de fazer e pensar dança, gerar potência na presença de corpo e disponibilidade para qualquer atravessamento. Isto me fez reconhecer minhas cascas, valorizar o motivo da existência delas e poder optar por olhar com carinho para estas formas, explorando a potencialidade em cena. Outro eu construído e que segue sendo atualizado. Processo criativo em busca de minha dança. Nesse processo, pergunto: O que me move, nos encontros e potencialidades, que possa dar propósito como potência criativa em dança para mim, para o leitor e para outros pesquisadores?

**Palavras-chave:** Trajetória, Dança, Bailarino-pesquisador, corpo como orquestra amalgamada, re-significação das formas, Processo Criativo, encontros e potencialidades.

# SUMÁRIO

SUBJETIVIDADE NEGRA E ACADÊMICA .....	7
Pensa num menino agitado.....	8
Revisitando passos da trajetória .....	11
Preto em movimento .....	13
Negro acadêmico .....	15
ENCONTROS E POTENCIALIDADES CRIATIVAS .....	22
Os acasos do processo .....	22
CORPO COMO ORQUESTRA AMALGAMADA .....	26
Procedimentos precursores com a intenção de conceituar amálgama.....	26
Elementos cênicos.....	30
Do fio da memória às Linhas de tensão. ....	37
CONCLUSÃO .....	40
BIBLIOGRAFIA.....	41

## SUBJETIVIDADE NEGRA E ACADÊMICA

Há um corpo negro refletido nesta escrita que, ao se pôr a elaborar, se reconhece mais empoderado, e o principal fator que espelha esta percepção é o acesso à universidade, são os cursos das humanidades, em específico, no meu caso, o curso de Dança Bacharelado na UFSM.

Ao acessar este campo de conhecimento que proporciona um tempo, um espaço para pensar as individualidades subjetivas e práticas para a produção em dança, contribuindo para a percepção de si, pois nada está separado, corpo e mente, entendo que pensar o corpo na dança é pensar minha escuta e escolhas, lapidar diariamente minha maturação pessoal. A academia me consolidou conhecimentos para além do que almejei buscar. Entrei pensando que iria aprender passos de dança, ampliaria repertórios de movimento à medida que conhecesse a história da dança, então faria relações entre conhecimento e prática.

Meu pensamento prático e um tanto bruto de reflexão, via o campo acadêmico tão distante da realidade pela falta de representatividade, sob o olhar de um indivíduo que estava imerso no campo da dança como competição, mostras e espetáculos. Entendi, no processo de graduação, que esta expectativa estava alimentada apenas pela projeção de minha necessidade e não por entender as especificidades do curso. A partir destes reconhecimentos subjetivos, sou tomado de euforia ao entender que minha trajetória seria o cerne por onde iria transitar minha pesquisa para o Trabalho de Conclusão Curso. Ao me colocar em obra, dou meu tempo, me escuto melhor ao revisitar minha trajetória, quero de fato entender o que está em minhas entrelinhas.

No caminho entre passos dados em outra estrada que a graduação produziu, me deparei com as mobilizações, problematizações e re-significações em tudo que em mim já estava dado, o que me favoreceu conhecer e reconhecer que este é um outro campo, que me põe à prova, me legitima na utilização de ferramentas de imersão na percepção de Dança. Este campo de conhecimento busca preencher lacunas à medida que incentiva a autonomia e valorização da história pessoal. Afinal eu vim buscar ascensão social que não servisse exclusivamente para mim. Através do meu corpo transcrito, eu busco dar voz, abrir as

portas e janelas da graduação, para que mais pessoas se autorizem a ver e vir buscar conhecimento. Dizem que toda graduação produz crises existenciais de futura atuação profissional, na minha trajetória não foi diferente, mas nada como estar consciente ao se perceber fazendo o que gosta, à medida em que aprendi a gostar mais do que faço. Diante disto o medo deu lugar a alegria e tranquilidade. Não se trata de uma receita e, como diz o ditado popular, “Quem sabe o que planta, não teme a colheita”.

### **Pensa num menino agitado**

Antes mesmo da graduação, a resiliência prevaleceu em meu contexto histórico negro, como forma de me compor e recompor na sociedade. Quando criança sempre fui ativo, proativo e às vezes indisciplinado, levava para casa bilhetes da Direção da escola por não me comportar em sala de aula, e em dado momento meu mau comportamento culminou em minha única reprovação, no 5º ano do Ensino Fundamental. Lembro-me como se fosse hoje, fiquei de castigo, minha mãe, Gelcy, tirou as atividades que ela sempre me confiou usufruir: futebol, pique esconde, games, jogar taco, entre outras coisas que eu adorava fazer.

No lugar, minha mãe colocou tarefas, precisei estudar as férias inteiras, revisando cadernos do ano em que reprovei. Voltando das férias senti na pele a tristeza de ficar um ano para trás, percebi que meus amigos haviam passado de ano e eu não teria minha turma do fundão. Com tanta gente desconhecida na sala de aula, eu decidi sentar na primeira classe, senti que aprenderia mais rápido se não ficasse sob interferência da bagunça. No fundo eu não queria mais passar pela angústia de ficar para trás nos estudos.



Figura 1 - Minha mãe e eu. Foto: Alex Sandro Aguiar Machado

Minha mãe sempre foi minha maior incentivadora. Quando criança, sempre tive liberdade de brincar de tudo um pouco e, pensa num menino agitado, magro e hiperativo, gostava de brincadeiras, gincanas em grupo, proativo e com espírito de liderança, adorava pique esconde, futebol no campinho até anoitecer, ser aventureiro nos bosques perto de casa, subir em árvores, atletismo na escola, criar meus próprios brinquedos com materiais recicláveis, fazer esculturas de argila, brincar de jogos de raciocínio e lógica, jogos de videogame e um tanto mais. Tudo se as notas na escola fossem boas, liberdade de acordo com a responsabilidade. O tempo foi passando e as atividades não supriam tanta energia.

Foi então que a capoeira angola atravessou minha vida, sendo a minha primeira matriz de movimento corporal. Em 1998, um domingo à tarde, aos 8 anos, minha mãe e os tios me levaram a uma pracinha no bairro Patronato, em Santa Maria, RS. Chegando lá, eu enxerguei uma roda de pessoas batendo palmas, cantando e tocando instrumentos. Era uma

energia boa que eu sentia vindo de lá e, ao me aproximar, o que me chamava atenção eram as acrobacias, o salto mortal. No final desta prática, o responsável por este núcleo do grupo Muzenza convidou quem porventura tivesse interesse participar e aprender, todos seriam bem-vindos. Meu interesse inicial era aprender a fazer salto mortal acrobático, eu pensava que este movimento era o ponto alto na roda de capoeira. Minha mãe me autorizou a aprender com a condição de levar os estudos escolares com o mesmo interesse.

Com o passar do tempo, a capoeira me trouxe disciplina, boa relação afetiva com amigos, concentração e foco. Aprendi a virar o bendito mortal acrobático, mas o tempo e o contato com a prática me fizeram ver que a capoeira vai muito além de acrobacias, é o contexto histórico que conta, a ginga, a atenção, a prontidão ao jogo, a energia da presença de corpo. A maturidade que a capoeira me trouxe se refletiu em disciplina nos estudos. Gradualmente, primeiro minhas notas melhoraram, nunca mais levei bilhetes para casa por mau comportamento, as professoras me elogiavam nos conselhos de classe. Eu me sentia bem comigo mesmo por ver as coisas dando certo, servia como estímulo e motivação. Devo muito à capoeira e trago ela para o processo de criação do TCC como repertório e possibilidade de jogo.

## Revisitando passos da trajetória



Figura 2 - Carteira de Identificação do aluno no projeto CCI.

Certo dia, na Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental Irmão Quintino, um grupo de pessoas pede licença em sala de aula, para divulgar o Projeto Social Centro de Comunicação e Integração para Adolescentes – CCI. Criado pela prefeitura de Santa Maria em 2004, o projeto oferecia oficinas de diversas áreas, entre elas fotografia, artes plásticas, grafite e dança urbanas. Local: Largo da viação férrea – GARE, em horários opostos ao turno letivo, com benefício de vale transporte e ajuda de custo de 40 reais mensais. Alguns professores das possíveis oficinas estavam junto do grupo no dia da divulgação.

O professor de Danças Urbanas se apresentou como Paulo Campos, ou PC, e morava no bairro Santa Marta. Reparei em duas coisas: no modo com que ele se vestia, estava usando roupas coloridas largas, tênis Adidas e boné, o aspecto visual me chamou a atenção, pois no meu bairro Nova Santa Marta os garotos de vestiam deste modo. A segunda coisa que eu reparei é que este professor morava no bairro vizinho ao meu, meu bairro na época conhecido como sem teto, devido ao conjunto de habitações carentes que usavam lonas como cobertura das residências e a precária estrutura de saneamento básico. Levei o folheto do projeto para minha mãe. Ela, como sempre grande incentivadora, me aconselhou a optar por um ou outro, capoeira ou danças urbanas. Antes de me inscrever no

projeto, pedi licença às práticas de capoeira com certo aperto no coração, mas sentia que precisava seguir meu caminho e conhecer coisas que também se aproximavam do meu cotidiano.

Eu tinha 14 anos, lembro dessa experiência com muito carinho porque fui muito bem acolhido no projeto de Danças Urbanas. Inicialmente eu via as Danças Urbanas como forma de aceitação social, por ser muito tímido ao ter que me apresentar em público, mas sentia amor pela sensação de liberdade de expressão na dança. As Danças Urbanas me libertaram das amarras raciais, do medo de ser negro na sociedade, pois é um estilo que acolhe as diversidades em vulnerabilidade social. As danças urbanas e as pessoas do projeto me fizeram sentir um negro empoderado.

Empoderar-se é reconhecer-se enquanto sujeit@ social, polític@, autor@ da sua própria história e capaz de lutar por direitos que não são só seus, mas também de um grupo. Empoderamento é singular e é plural. Singular no sentido de que é um processo individual e pode ocorrer pelas mais diferentes motivações (CERQUEIRA, 2015, p. 01).

Ganhei voz, um corpo mais fluente e maleável. No ano seguinte, eu entro em um grupo de danças urbanas de competição e atuação profissional: Cia Mecanic Street Dance. Os ensaios de criação eram aos sábados e domingos das 14 horas às 18 horas, o local sempre variava pois se tratava de um grupo independente e com poucos recursos, fizemos uso de espaços como salas no largo da viação férrea GARE ao lado da Vila Belga, Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti (Bombriil) no parque Itaimbé, Casa de Cultura ao lado da Praça Saldanha Marinho, Salas cedidas por escolas com projetos Escola aberta como Colégio Estadual Padre Rômulo Zanchi no Bairro João Goulart e Escola Estadual de Ensino Básico Augusto Ruschi no Bairro Santa Marta, Concha Acústica no parque Itaimbé, Centro Desportivo Municipal (Farrezão) na rua Apple, Centro de Convivência 21 de Abril no Bairro Itararé, onde o coreógrafo Vitor Escobar, explicava o tema das coreografia, pedia opinião sobre figurino, composição musical e enfim organizava a coreografia por estilos de dança vertentes das Danças Urbanas, é então, que em meio a esta trajetória decido levar a dança como profissão. Fui em busca de cursos em diversas áreas e modalidades para ampliar meu repertório de corpo, transitei por Dança Contemporânea, Jazz Dance, Dança Afro, Jazz Musical, Dança Moderna, Funk, Zumba, Dança de Salão, Ritmos Latinos,

algumas oficinas de Ballet Clássico. Entre nós, do grupo, passo a ganhar status, pela seriedade com que levava a dança neste pouco tempo de grupo, sendo só um dos tantos bailarinos da companhia.

Sempre gostei de ajudar, dar suporte e não deixar ninguém para trás. Nesse meio eu me senti ouvido e respeitado, deixava bem claro que gostava de pensar dança para o grupo e não pelo grupo. Pois as Danças Urbanas possibilitam dar voz expressiva através do corpo, desta maneira criar pelo outro seria tirar sua autonomia, por meio de minhas possibilidades busquei sempre dar suporte criar ferramentas e procedimentos para o coletivo, meu grupo estava inserido no meio competitivo, onde todos bailarinos do grupo sobem juntos ao palco buscando excelência e diversão, sabendo que individualmente devem ter consciência da potencialidade de si.

Foram tantos finais de semana longe da família, viajando para competições, o que meus amigos e família mais me ouviam dizer era a frase “não posso, hoje eu tenho ensaio”. Minha meta era dançar cada vez com mais presença e qualidade. Entendi que isto foi me tornando referência no meio em que eu dançava e para amigos que acompanhavam minha trajetória. O Meio das Danças Urbanas pode ser um tanto cruel por alguns pontos de vista, alguns coreógrafos não permitem que seus bailarinos busquem se atualizar em oficinas de grupos rivais no palco de competição, mas eu sempre fiz de tudo para beber de qualquer fonte e aproximar relações na dança. Aliás, acho que o campo das artes da cena carece de afetividade. Só conheço os estados do Rio grande do Sul, Curitiba (PR), São Paulo, Rio de Janeiro e Sul de Minas Gerais devido à dança. Jamais pensei ir tão longe se não fosse a motivação da dança em minha trajetória.

## **Preto em Movimento**

No mês de março, em um ensaio qualquer, fui convidado pelo coreógrafo da Cia Mecanic Street Dance para criar e dançar um Solo Adulto de Danças Urbanas em uma competição na cidade de Bagé, em 2009. Seria minha primeira vez sozinho em palco, tive menos de três meses para produzir este Solo, não me sentia preparado embora tivesse controle sobre o tanto de conhecimento que havia construído nestes cinco anos de danças urbanas. Um amigo, Jeferson Velasques, bailarino da mesma companhia, me sugeriu que eu

dançasse algo que fizesse sentido para mim, foi aí que criei coragem, aceitei o desafio, e nomeei o Solo “Preto em Movimento”. O tema me fazia pensar na minha ansiedade, nas alegrias e na raiva que neste momento da vida eu sentia: dancei com figurino preto da cabeça aos pés.

Chegando no evento, em Junho de 2009, descobri que dois coreógrafos da capital, Porto Alegre RS, iriam participar da mesma categoria. Sem muita pretensão de em qual colocação eu ficaria, pensei que este momento seria minha válvula de escape, deixei no palco tudo o que sentia em forma de dança: da ansiedade tirei movimentos Hip Hop dance, da alegria brotaram passos Looking, até mesmo a raiva que eu sentia neste momento da vida, raiva do preconceito que as Danças Urbanas viviam no cenário da dança, dos conflitos de egos que eu presenciava no meio da dança, das poucas oportunidades de emprego, da falta de afeto do meu pai, dei vazão a esta raiva através do estilo Krump que faz uso da raiva como pulso criador de movimentos enérgicos e de alto tônus. Saí até mais leve quando a música terminou, como se meu corpo tivesse gritado, desabafado, em estase sentindo que levei ao palco tudo o que minha alma precisava falar. Lembro que eu nem tive tempo de assistir aos outros competidores, mas do camarim ouvia os aplausos. Ao término do evento me reuni com os amigos bailarinos, próximo ao palco para esperar o resultado, era uma noite gelada e já passava da meia noite. Para minha surpresa eu ganhei 1º Lugar e premiação em dinheiro. Até hoje lembro da minha euforia e alegria em perceber que, mesmo sozinho, minha bagagem tinha potencial e importância para mim. A imagem mais marcante para mim foi chegar em casa, contar para minha mãe, antes de receber um abraço dela. Esse gesto representou tudo para mim, pois ela sempre me incentivou. Houve momentos em que ela assumiu seu medo sobre minha decisão de ser um artista como profissão, mas deixou bem claro que estaria sempre comigo. Valores pessoais e familiares que eu levei para a dança e em troca de valores que a dança me ofereceu para a vida. Me senti incluído em algo muito maior que não só o meu ciclo familiar. As Danças Urbanas me deram um propósito para a vida e me projetaram ao campo das Artes.

Se a dança tem a capacidade de mudar minha vida, como utilizar esta ferramenta para propor a mudança para outras pessoas? Foi o que eu pensei. Só o acesso à graduação superior me deu a possibilidade e respaldo para responder.

## Negro acadêmico

“Primeiramente sou outro, outro corpo que habito, outro corpo que vou conduzindo, outro corpo que acolhe, outro corpo que se permite, dono da voz que se cala e que fala por que agora acolhe melhor, outro ser consciente das próprias práticas e vivências, outro ser maduro que se faz presente rendendo caldos, unindo saberes sem nunca deixar de brotar e plantar sementes. Assim sigo reconhecendo este outro eu...” (Diário de processo, 12/03/19).



Figura 3 - Foto para estudo e divulgação. Foto: Joan Felipe Michel.

Ao chegar a primeira aula de Exercícios Técnicos em Dança, me deparo com a seguinte questão: só pode usar sala prática descalço! Meu primeiro desconforto, chegar com bagagem de anos em Danças Urbanas, as quais raramente se dança descalço. A primeira imagem que me veio era como se precisasse tirar uma armadura, algo que me protegia. Respiro e digo para mim mesmo: é hora de se permitir este novo universo. Mas acredito que este é o momento em que a resiliência minimamente teima, me fazendo

acessar formas de repulsa inconsciente. As Disciplinas do curso me deram outro panorama da relação com a dança. Estes pés nº 42 que se despiram e se propuseram a calçar-se em liberdade, reconhecendo minhas fragilidades, enraizado em qualquer solo com sutileza ou tonicidade, dos encontros mais sublimes aos desencontros da trajetória, fiz este corpo que tenho hoje e assim transcrevo minha nova história. Uma prosa com quem me acompanha, pois é assim que gosto de ser, estar em relação de verdade.



Figura 4 - Diário do processo. Jardim Botânico da UFSM. Foto: Heloisa Gravina.

O tempo cronológico foi driblado, nesses quase 4 anos de graduação, entendi tanto de dança ou mais do que ao longo da minha trajetória de dança inteira. Talvez bastasse um

olhar de outro lugar, e a graduação me possibilitou mil ângulos diferentes para a mesma imagem. Me fez buscar meus outros tempos em diversas dimensões – tempo de me escutar, tempo de agir, tempo de ver, quanto tempo dura um instante, quanto tempo leva para reconhecer as formas e as prioridades, quanto tempo dura o amor, quanto tempo dura um abraço, quanto tempo dura um sorriso. Brinco com o tempo ao olhar para trás e perceber que demorei tempo demais para perceber um tanto de coisas. Me por a dançar descalço problematizou minha dança e reorganizou-a novamente. Qual a qualidade de corpo que produz conforto aos pés sem perder a dança viva e pulsante? A qualidade do menino que brincava e dançava até o tempo se esgotar, sem ao menos cansar. Precisei olhar para trás, reconhecer minha bagagem para vislumbrar quais encontros seriam potentes nos passos que seguiria em frente.



Figura 5 - Pré-banca de TCC. Junho/2019. Prédio 40C. Foto: Pâmela Fantinel Ferreira.

Desde 2016, no momento em que acesso a graduação, estou em busca de atualização constante, constituída de um fazer que me refaça sem desfazer-me por completo, uma ação que transforme, que re-signifique o conhecimento que trouxe, à

medida que me constituo de um novo saber. Valorizando minha trajetória de dança anterior à graduação, encontro na graduação em dança um universo de possibilidades de criar, propor e habitar novas formas de dança.

A resiliência: qualidade que um corpo tem de se recompor resistindo à ação oposta. Esta qualidade sempre amparou inconscientemente minha trajetória no sentido exato da palavra, de fazer corpo a cada novo atravessamento de adversidade: meu corpo criava cascas e tensões a cada dificuldade superada, era minha percepção de dança antes, ao acessar a universidade. Precisei reconhecer que a resiliência fez parte da minha história e dos meus antepassados como forma de existência.



Figura 6 - Com Naylana, na sua defesa de TCC. Dezembro/2019. Prédio 40C. Foto: Maria Clara Mariani.

Entendi que nada foi fácil no caminho até aqui, muitas vezes fiz parecer fácil, com suor e empenho. Conheci e reconheci que dentre os encontros mais potentes está a Naylana Ferreira da Rosa, a irmã mais nova que nunca tive e que passei a considerar. Mulher negra, acadêmica, que acessou a universidade e se forma junto comigo. Juntos, resistimos às adversidades e nos mantivemos íntegros, ajudou-me a entender sobre masculinidade negra, sobre os medos e dificuldades que cada mulher e homem negro sentem na sociedade e no campo acadêmico, passei a entender que resiliência sem disponibilidade sempre daria brechas para a negatividade. Naylana, através de sua história, me deu suporte em momentos de luto e de luta. Fizemos borda um ao outro e muitas vezes para nossa turma toda, vozes negras, que em minoria se negam a ser silenciadas, se empoderaram, se fortaleceram como irmãos dizendo um ao outro: “tu sabe que sempre pode contar comigo”.

Na trajetória acadêmica, segui sendo atravessado por diversos modos de fazer e pensar dança, acabei entendendo que o sentido da disponibilidade corporal é o bom julgamento das formas e indicações.



Figura 7 - Com a orientadora Heloisa, antes da estréia de Manada. Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti (Bombriil). Novembro/2019. Foto: Pâmela de Ávila.

Orientadora Heloisa Gravina, o maior suporte do mundo, a querida Helô, encontrei aqui nesta graduação em Dança Bacharelado UFSM, do início ao fim deste processo, esteve fazendo uma grande borda, de conversas formais à relação de amizade e confiança, dos tapinhas nas costas para liberar as tensões ao abraço que desfaz minha forma ereta, alta de 1 metro e 80 centímetros. Reconhecendo à distância as minhas distâncias corporais. Disse ela: Ju, lembra de voltar pras costas, lembra de lembrar do espaço entre o topo da cabeça e o quadril, lembra de habitar sua maior extensão, de relaxar os tornozelos, lembra que você sempre pode fazer menos. E então eu relaxava, até hoje me pego atualizando indicações a mim mesmo, como forma de observar aonde estão minhas tensões ao executar cada ação cotidiana, o benefício é ter deixado de fazer um tanto de esforço para fazer o que já faço. São ferramentas que operam na vida de um artista e contribuem para o bem-estar. Um exemplo, eu estava voltando para casa, à noite, ônibus lotado como de costume, estava em pé, com a mochila pesada nos ombros, cansado e acompanhado das dores no pescoço, nos ombros, costas e pernas, quando então enxergo meu reflexo na janela, de imediato analiso

minha forma: mão esquerda segurando o apoio acima do encosto do banco de passageiro, braço direito estendido e a mão segurando a barra de segurança a cima da cabeça, ombros levemente elevados, pensei em me fazer uma pergunta, tal qual a Helô costumava fazer em aula: se nesta posição eu relaxar os ombros, o que acontece? Observei meus ombros levemente elevados e muito tensionados, relaxei e senti as escápulas cederem junto, o peso da mochila parecia ter sumido. Eu ri sozinho imaginando uma nova pergunta. E se minhas mãos não precisassem se fechar tão forte para segurar os apoios no ônibus? Relaxei os dedos devagar e senti os cotovelos cedendo, garantindo maior mobilidade. Como estão meus apoios dos pés no chão? Observei que todo peso corporal estava distribuído do metatarso para frente, nos dedos dos pés. Decidi harmonizar o peso corporal retornando até o calcanhar e, mais que isto, também relaxar os joelhos deixando-os disponíveis, as dores nas costas aliviaram. Pensei nas ações que realizei enquanto me observava no reflexo da janela, quase um déjà-vu, como se me visse na sala 3014 do prédio 40C na UFSM em um dia de aula, ouvindo a Helô dizer: “Isso já é um monte.” Frase dita após uma indicação que demanda muitas micro ações involuntárias. Sua frase se tornou meu religar da ampla percepção e fez ainda mais sentido a partir do momento em que comecei a usá-la como referência na minha vida cotidiana. Para um acadêmico, ter um suporte desses é ter certeza de que você escolheu a área certa a seguir como profissão.

## **ENCONTROS E POTENCIALIDADES CRIATIVAS**

### **Os acasos do processo**

Após o bloqueio na escrita, devido à grande quantidade de atividades e tarefas diárias, assim como dois empregos noturnos de segunda-feira a sexta-feira, em turmas de dança. Terezinhas Fitness no Bairro Lorenzi e Zumbearas do Areião no Bairro Caturrita em Santa Maria RS, decidi não insistir no percurso de escrita de diários. Abro mão desta ferramenta por um mês, consciente de que não estava fazendo sentido uma escrita confusa e ansiosa sobre um processo de TCC em constante reconstrução. O que contribuiu para a retomada da conexão com a escrita para o TCC foram os encontros dos cinco artistas que compõem a 4ª Turma Dança Bacharelado UFSM, curso que tem como especificidade de conclusão de curso, construir um trabalho conjunto. Nos amparamos juntos nesse processo coletivo através de nossas pesquisas individuais, os encontros diários e ocasionais do processo se deram de diversas formas, desde o café da manhã que estabelecemos antes do início da aula, nos períodos em que a disciplina ocorreu na parte da manhã. Servia sempre como processo de unificação de energias, como fonte diária de diálogo e troca de saberes, em que pensamos em coletivo com a orientadora, sobre o que precisamos fazer a cada dia, juntos ou individualmente, nos perguntamos se o processo já construído estava maduro para ser oferecido em algum evento, elaboramos um calendário físico e o fixamos na parede, com a projeção de nossa rotina e atividades futuras. Quanto mais os dias se passavam e eram riscados em nosso calendário na sala 3006 do prédio 40C UFSM, a possibilidade de mostrar nossos processos me deixava eufórico, trabalhar em coletivo me deixava com sede de retornos, opiniões do público acerca de nosso trabalho. Oportunidades surgiram, uma delas foi participar do Descubra, um evento acadêmico público que ocorre todo ano dentro do espaço da Universidade, como forma de oferecer informações sobre a finalidade e relevância de cada curso superior de graduação na Universidade Federal de Santa Maria. Decidimos participar e a partir daí minha escrita ganha corpo, somada às experiências vividas com os outros quatro artistas que compõe a 4ª Turma de Dança Bacharelado em processo de TCC. Quanto mais surgiam possibilidades de mostrar o processo, mais a escrita

ficava potente, nutrida de retornos importantes que instigavam e pontuavam a fruição de minha pesquisa individual.

No segundo semestre de 2019, eu e meus amigos, os cinco integrantes da 4ª Turma Dança Bacharelado, recebemos a oferta de participar da Disciplina de Estudos dos Fazeres Humanos IV, no Curso de Terapia Ocupacional, no Prédio 26D UFSM, lecionada pela Professora Dra. Andrea do Amparo Carotta Angeli. A oportunidade me fez conhecer muito sobre seu campo de atuação e, sobretudo, acerca do borramento e entrelaçamento em que a Terapia se faz possível no campo das artes, pensando a subjetividade que está contida na vida cotidiana do artista em dança. Eu acredito que foi um momento que construiu nova relação de saberes nesta disciplina, mais de trinta alunos da Terapia Ocupacional se viram observados por artistas de um campo distinto de conhecimento, trazendo dúvidas e esclarecimentos sobre outra perspectiva de construção de saberes. A todo momento eu buscava entender o modo de fazer do terapeuta e ao mesmo tempo voltava aos meus fazeres em arte. Me vi lapidando as formas de olhar para as relações, reconhecendo e escrevendo sobre minha pesquisa com ainda mais afinidade, olhando para os meus fazeres e diários com ainda mais sensibilidade. Nesta Disciplina, que consiste em duas horas teóricas e duas horas práticas, a diferença era notável ao pensar que a teoria, por vir de outro campo de conhecimento e em outro centro, me produzia um corpo diferente que buscava entender a regra de um jogo, porém, quando se tratava de prática, me sentia tão em casa, devido ao meu campo da Dança oferecer um suporte grande de captação através da prática do corpo. Nestas Práticas os cinco pareciam maioria devido à familiaridade com as abordagens de condução de aula, sempre generosos, eu e meus colegas da dança fomos nos integrando a esta turma através do diálogo e da cooperação. Esta disciplina foi fundamental, justamente neste período de TCC, para reconhecer estas diferenças e construir novos modos de fazer e pensar que não se distinguem. Ao passar dos dias, se tornou evidente em minha escrita o preenchimento de lacunas que estas novas relações haviam oferecido, inclusive ao ver e ouvir estes(as) colegas da Terapia Ocupacional sobre um maior interesse no campo das artes.

Em um momento de lazer, visitei alguns amigos praticantes de capoeira. Eduardo, integrante do grupo, me pergunta sobre meu tema de TCC, e eu decido explicar o tema e

contar de um dos procedimentos que mais fazem sentido em meu processo hoje, e que consiste em passar de uma imagem corporal para outra.

A montagem a seguir não é especificamente o que mostrei aos meus amigos no momento de lazer, mas um como, que te aproxima da sensação que eu procurei oferecer a eles. Quem me vê mostrando uma diversidade de movimentos que lembram alguma dança, mas no fundo te atraem ao uso que faço da dança para contar e transitar em uma outra história, a minha.



Figura 8 - Montagem a partir do procedimento de passar de uma imagem corporal a outra. Diário do processo. Fotos: Joan Felipe Michel.

Mais do que falar, eu decido dançar, afinal meus amigos pouco veem o que eu produzo dentro da graduação. Vou falando e fazendo: bem próximo ao chão, estou em cócoras, este é um dos movimentos da capoeira que faz entrada para o jogo, o movimento é atualizado no meu corpo até hoje. Na célula de movimento em que estou trabalhando e mostrando neste dia, tudo que passa pelo chão ou nível baixo tem base na capoeira e no footwork, um jogo de pernas trazido do break dance; os movimentos de nível médio têm influência da dança contemporânea, da capoeira e Danças Urbanas. Então me ponho a brincar transitando de um para outro com a malandragem da capoeira angola, busco as possibilidades de apoios e de dar fluxo no chão, sigo acelerando e desacelerando as movimentações. O nível alto tem bases da dança Afro House e seus movimentos são mais tribais, cada variação de nível é fruto de longas pesquisas e experimentações de movimentos re-significados que se tornaram ferramentas em meu repertório de dança. Uso elementos das Danças Urbanas, bem como nas rodas de batalhas, momento em que se

desafia e provoca o adversário com atitude de dança Free Style. Mostro um breve recorte de movimentos aos amigos. Ao terminar, observo olhos contentes e apavorados.

A cocorinha. Eis aí outro cruzamento mundo do trabalho do negro com a capoeira: a posição de cócoras em que os ganhadores cavam (em repouso) às vezes horas a fio, como se não quisessem nada, desbastando o tempo, esperando a hora passar, adivinhando, intuindo, espreitando uma nova chance de trabalho. Torcendo para surgir um novo biscate, pois trabalho do carregador (principalmente do ligado ao cais) também dependia do acaso, das flutuações da maré, do tempo e saídas dos navios, da força, da economia, da quantidade de carga disponível etc. Na beira do cais, enquanto a hora da labuta não chegava, podiam ficar esperando o relaxamento da vigilância policial para armarem rodas de jogos proibidos, cultivar vícios e iniciações (ABREU, 2002, P.104).

O retorno deles de fato me é surpreendente, pergunto então o que acharam. Eduardo responde: *Isto é muito bonito, maravilhoso aliás, sair dessa posição de cocorinha e fazer esse salto, por lembrar capoeira mas não é só a capoeira, são tantas outras coisas juntas ao mesmo tempo, não se sabe aonde uma coisa termina e a outra coisa começa.*

Sou tomado de alegria, por perceber que meus fazeres em dança na graduação levaram o sentido esperado, mas de algum modo duvidoso retruco: *Não parece, é capoeira sim!* Capoeira como dança, re-significação de movimento em amálgama. Com receio de ser mal interpretado, o meu amigo então elabora sua fala: *Disse que parece capoeira, pois capoeira, para mim, são relações e transições de jogo e ginga dentro da mesma técnica, capoeira como jogo. Você está propondo algo para além da capoeira, que tem a dança como eixo, nesse caso a capoeira está à serviço da dança e suas outras percepções de técnicas de Dança.* Pensei em ir além com foco expandido através do corpo em movimento, pensando os caminhos da dança que antecedem o objetivo, optando por chegar ou não a uma forma, faço que vou mas não vou, instigo o deslocar da atenção de quem olhar, brinco de jogar com todas as possibilidades, atento ao que pode vir a ser.

Sobre o estado de atenção, Renata Lima afirma:

Nessa perspectiva, a capoeira é uma manifestação que tem atraído muitos olhares, pois nela é possível perceber como a capoeira explora a potência artística do corpo, na medida em que estimula o desenvolvimento de uma consciência corporal, o domínio do movimento expressivo e a capacidade do jogo e do improviso (LIMA, 2002, p.05).

Como eu proponho capoeira como dança, até então esta configuração de saberes que já estava no meu corpo, porém em processo, ainda não estava conceituada de fato em minha fala. Surge o disparador, e desse momento em diante este procedimento ganha corpo como algo constituído. Apropriado de sentidos, busco por um nome que torne o procedimento singular para minha pesquisa: Corpo como orquestra amalgamada.

## **CORPO COMO ORQUESTRA AMALGAMADA**

### **Procedimentos precursores com a intenção de conceituar amálgama**

Cada conhecimento específico da minha trajetória e as modalidades de dança que foram sendo trazidos para o processo de TCC, dotados de memórias e re-significações em meu corpo, torna-se ferramentas e instrumentos singulares em minha composição de dança, na qual faço uso de acordo com o arranjo da história que meu corpo busca contar.

O procedimento prático de composição de partituras de dança se elucidou a partir de encontros individuais com a orientadora de TCC, a professora Heloisa Gravina. Na ocasião iniciamos com uma conversa sobre como eu estava, qual o ponto em que a pesquisa individual se encontrava, os possíveis procedimentos a serem experimentados. A orientadora sugere uma metodologia prática que auxilie meu processo, propondo que eu inicie encontrando um lugar na sala, e fazendo um aquecimento livre, tornando meu corpo disponível para a prática.

Sugerido pela orientadora, indiquei alguns estilos de Dança que foram significativos em minha trajetória e que faziam sentido no meu processo de TCC: Capoeira, Danças Urbanas, Danças Afro, Jazz, Dança Moderna, Dança Contemporânea.

O procedimento indicado pela Heloisa então foi:

Ela iria propor aleatoriamente alguns dos estilos indicados, na medida em que ela falasse o estilo eu deveria, de imediato e sem julgar, fazer os primeiros movimentos do estilo que viessem à mente, sustentar repetindo estes movimentos até que a orientadora os identificasse. E assim por diante outros estilos seriam propostos.

Pausa para considerações. Percebi, já na primeira indicação de estilo, minha euforia ao lembrar de movimentos que estavam no corpo antes da graduação, surpreso ao

recuperar de imediato movimentos que acreditava ter esquecido, era como acordar aquele Preto em Movimento que sempre teve aqui. Percebi também que sustentar tais movimentos necessitava de uma moderação de tónus para, mais do que repetir movimentos, manter o sentido do movimento em mim. A disponibilidade do meu corpo neste dia me surpreendeu, a energia era intensa, apesar do tónus específico de cada estilo a se fazer elaborar. A partir deste retorno a orientadora fez uma indicação a mais.

Proposição seguinte. Além do que já foi feito, pense na transição de um movimento sustentado para outro, criando uma transição que torne quase imperceptível a passagem de um estilo de dança para outro. No momento de repetir este procedimento me percebo pensando muito sobre a possível transição, minha atenção se amplia em torno da transição entre os estilos de dança, passo a produzir muitos desdobramentos do estilo anterior e acabo esquecendo de sustentar a tarefa anterior, apressado em cumprir a tarefa. Quando o sentido primeiro estava se perdendo, ao me dar conta, uma dúvida ficou implicante, recorrente, pois eu sabia a pergunta, mas não olhava de fato para a resposta. A dúvida era: será que estou atento a tudo durante a execução da tarefa?

Sobre a potência artística do corpo, sigo com Renata Lima:

O treinamento, bem como o jogo da capoeira angola, constitui-se em um espaço de desafio, pois além de uma prática extremamente física, por vezes repetitiva e exaustiva, lida-se constantemente com o risco da queda e do golpe, o que exige do corpo um constante estado de alerta. Este estado de alerta, ou "estar ligeiro", é a própria ampliação da percepção do corpo no espaço, que dilata a presença do capoeirista, gerando prontidão. No teatro e na Dança este conceito é discutido na noção de presença (LIMA, 2002, p.06).

Outra relação percebida foi não conseguir estabelecer contato visual com a orientadora enquanto buscava executar todas as indicações, só o fato de pensar em olhar ou tentar olhar me desconectava de imediato do meu fazer. A orientadora, representando o público que assistia, me fez uma pergunta a partir de perceber que eu não encontrava facilidade em olhar para ela durante o procedimento: Para quem você está dançando? Eu Respondi: "*inicialmente para mim e posteriormente para o público, por ora as duas coisas juntas*". De início era muito difícil estabelecer contato visual, pois na tentativa de olhar e levar o sentido do que era dançado eu me desconectava, passando um olhar vazio de sentidos. Mesmo que eu dissesse que cumpri o procedimento, estava me contradizendo

internamente. Na busca de solucionar a questão que me embaraçava, lembro de me fazer a pergunta que se tornou tema de um diário escrito neste dia: Qual a qualidade da minha disponibilidade para a dança?

Me dar conta destas não feitas me mostra o tanto de informações e possibilidades que eram negadas em minha trajetória anterior à graduação. Pelo fato de dançar em grupo que participava de competições, com metodologias pautadas em uma estética de dança a serviço de sistemas e prazos de edital, em muitos momentos tive a consciência do todo, assim como as conexões corporais com as sensações, a ideia de dar fluxo aos movimentos em relação com o espaço, estabelecer contato visual que conecte a obra com o público, foram conceitos aprimorados e pesquisados de fato no período da graduação.

Trata-se do processo dos “comos”, procedimentos propostos por Stanley Keleman, criou a abordagem da psicoterapia corporal, conhecida como “psicologia formativa” que trabalhava a partir das subjetividades humanas no cotidiano. Esses procedimentos foram apresentados à mim pela professora Dra. Andréa do Amparo Carotta de Angeli, para serem trabalhados com o objetivo de dar conta de elaborar cada aspecto do todo, conscientizando o corpo que dança. Keleman afirma:

O ‘como?’ É um processo destinado a conduzir você mais profundamente em sua fisicalidade. É uma função muscular emocional. Quando praticamos, ele mostra que a intimidade e o contato têm uma infinidade de formas e tempos. O exercício do ‘como?’ Pode mostrar a você como se prepara para fazer algo, quanto tempo leva e como você o faz, de fato. Quais padrões musculares? Há outro modo de fazê-lo? Como você fica mal-humorado? Como fica sério? Você sabe como se impede de ficar excitado, ficar feliz, satisfeito e como não se permite detectar o que falta?

Esse ‘prestar atenção’ é permitir que as experiências se façam sentir por si mesmas, não observar, ficando na posição de quem inspeciona, examina, julga ou critica. Essa percepção de processo não faz de nós observadores mas, antes, auto experienciadores, empáticos conosco mesmo. Essa percepção une de um modo cognitivo, emocional e físico. Ela nos ensina ligação, totalidade. Descobrir o ‘Como?’ possibilita-nos mudar a nós mesmos (KELEMAN, 1994, p. 47)

Pensar no todo me remete à frase tão pronunciada pela professora Heloisa em disciplinas. Após ter explicado diversas micro-relações conectivas através da Técnica Alexander, ela somente falava: “é só isso e isso já é um monte”. Ou seja, tanta coisa

envolvendo um gesto, para se dizer disponível de fato nesse estar alerta. Aprendi neste procedimento que a disponibilidade tem a ver com vontade e vontade sem direcionamento é desperdício de energia. Outros impulsos foram atribuídos ao procedimento de aprender a "re-significar os comos". Como encontros individuais que estabeleciam um olhar minha história de vida e a separação do que é relevante ou não para o andamento da minha pesquisa.

## **Elementos cênicos**

Na metade do primeiro semestre de TCC, trago na metodologia a possibilidade de explorar elementos em cena, entre os que marcaram minha trajetória: tênis, referência à prática das danças urbanas, sapatilha de Ballet, que representa os empasses com técnicas, berimbau, que lembra meu período de vivência na capoeira, folhas de papel com perguntas que direcionaram minha criação em dança.

Ao montar meu espaço de criação em sala de aula, fiz a escolha de usar da imaginação, eu descalço penso que já estou com os tênis nos pés, os mesmos tênis com que costumo praticar danças urbanas, ele é baixinho, leve e confortável, me proporciona segurança e controle do movimento. Só em visualizar a imagem de estar calçando os tênis, percebo a mudança na qualidade do movimento, junto à imagem do tênis vem a relevância que ele tem na minha trajetória em dança urbanas, tênis que me levaram a lugares que jamais imaginei ir, poder sair da cidade, viajar para dançar, participar de mostras, competições, workshops, conhecer profissionais que são referências da dança e que eu só via em vídeos e pareciam tão distantes da minha realidade. Os tênis estavam lá comigo e têm história para contar, sintetizam esses momentos. Me pondo descalço por todo período da graduação, percebo a relevância de me conectar com a dança a partir desta outra informação de base: descalço, acessei em movimentos a mesma qualidade em sensações que aprendi a associar com os tênis.



Figura 9 - Apresentação na JAI Performativa. Centro de Convenções UFSM. Outubro/2019. Foto: Joan Felipe Michel.

Este tempo de graduação problematizou este assunto: porque não descalço, se eu trago em meu corpo as danças urbanas que são periféricas, pouco visibilizadas e apartadas da sociedade? Minha infância foi vivida brincando descalço, trago até hoje em minha dança a alegria de infância, a energia, a hiperatividade do menino que corria como se quisesse ganhar o mundo, o arteiro que se tornou artista, e só na graduação me autorizo a dançar descalço todas as danças que meu corpo carrega: corpo como orquestra amalgamada.

Das potencialidades que encontrei no processo de TCC está a posição de *Semi-supina*: *deitado E em contato com o chão estão a nuca que pode ser elevada por um livro, costas, quadril, lateral dos braços, mãos e as solas dos pés, joelhos flexionados apontando para cima*. Descrição da imagem abaixo.



Figura 10 - Semi-supina. Diário de processo. Prédio 40C. Foto: Naylana da Rosa Ferreira.

Posição de descanso e principalmente de atualização das pequenas relações conectivas que o corpo faz, de modo a tornar consciente. Entre espaços de respiração uma nova indicação dela, a orientadora Heloisa que regula, norteia a investigação de sensações e intensidades. Indicações mobilizaram, problematizaram e enfim iluminaram o tanto de sombras e lacunas em minha percepção corporal, como se houvesse relações veladas que passaram a fazer todo sentido. A cada respiração, uma nova indicação sutil e clara – *“pense na distância entre um ombro e outro, pense na maior distância entre o topo da cabeça quando faz oposição ao quadril, pense em relaxar os pés e tornozelos, pense que os joelhos podem cair para cima e para frente enquanto o quadril adere ao chão abrindo espaço na articulação coxofemoral, pense na distância entre o ombro e cotovelo, pense na distância entre cotovelo e mão. Pense como está a respiração enquanto recebe e pensa nas*

*indicações.*” Neste momento eu já havia me conectado com a respiração e percebido o tanto de espaço que se abre ao pensar nestas conexões corporais. Então a orientadora fala: e não precisa fazer nada com isto além de pensar. Entendi que pensamento gera micro-movimentos e conscientiza as partes de um todo. Para mim este foi um grande achado, que uso cotidianamente em dança e na vida: sempre podemos fazer menos esforço sem perder a intenção do movimento.

Se me vir deitado em semi-supina pense que certamente estou pensando nisto tudo, a partir de indicações minhas, não mais da professora. Pense que estou me organizando e ao sair do chão estarei ainda mais conectado, desta vez com a atualização de toda minha extensão.

Dos encontros potentes construídos com a 4ª turma de TCC Dança Bacharelado 2019, composta pelos artistas e graduandos Bruna Macedo Borges, Lucca Adams Pilla, Maria Clara Mariani e Naylana da Rosa Ferreira no curso Dança Bacharelado que tem como especificidade um Trabalho de Conclusão de Curso coletivo. Destaco um momento em que, a partir de procedimentos de criação e improvisação, cada um dos cinco integrantes construiu sua narrativa de movimentos usando como ferramentas imagens e fotos escolhidas do processo constante de TCC. Fazendo uso deste material, colocamos a música Chuva, cantada pelo Jaloo. Ela instaurava uma energia divertida de jogo, brincadeira, corpos bem-dispostos e disponíveis, muito mais do que qualquer outra. Chamamos carinhosamente de “momento da dancinha”, onde não julgamos nem selecionamos movimentos. Como a orientadora Heloisa diz: dançamos para ser felizes. Quando o encontro destas cinco figuras se torna uma bomba pulsante de alegrias, intensidades, improvisos, se torna busca por tudo e por nada, pois aqui o encontro já está dado, por olhares sinceros, sorrisos abertos, corpos imersos em sua criança interior, que se exaurem em alegria na forma de expressão, emanados no espaço, criando novo protocolo, se tornando uma Manada.

Manada: nome dado ao trabalho coletivo de TCC desta turma, maturado ao longo do 8º Semestre. Este nome surge a partir de um movimento, chamado por nós de “elefante”: imagem construída ao se deslocar em quatro apoios, com as solas dos pés e as palmas das mãos tocando o chão enquanto o quadril se mantinha elevado. Este movimento aparecia em todas as narrativas construídas até o momento que, em aula de composição,

todos nós fizemos o movimento “elefante” juntos, o sustentamos nos deslocando em um grande círculo pela borda da sala, lado a lado, em linha, como se varrêssemos o espaço. Fizemos uma pausa para trocar impressões sobre este momento, todos nós da turma comentamos de algum modo esta ação pulsante que nos atraía a andar juntos sem pensar aonde iríamos chegar. A orientadora Heloisa observou a forma e a energia que continha este momento do processo, nos solicitou fazer mais uma tentativa de composição com as narrativas, acrescentando este momento coletivo de elefantes: a Manada que se desloca dando suporte um ao outro. O nome agradou a todos da turma, a continuidade neste processo foi oportunizar a cada um dos cinco artistas mostrar sua narrativa individual saindo e voltando desta manada. Ela acontecia da seguinte maneira: todos os cinco caminhando livres pelo espaço da sala 3006 no prédio 40C UFSM, fazendo apenas contato visual ao encontrar outro colega, ao estabelecendo a relação de grupo buscamos andar um ao lado do outro. Ainda em pé, nos deslocamos em um grande círculo pela borda da sala, cada indivíduo usando de seu repertório e mantendo a linha, encontra um modo de chegar à posição “elefante” durante o deslocamento. Quando a Manada já está em linha, faz mais uma volta no espaço demarcando uma trajetória. Nessa volta, um integrante do grupo por vez, a seu modo particular se separa da Manada e se desloca ao centro do grande círculo já estabelecido pelo grupo, mostra sua narrativa de movimentos, contando sua história, enquanto a Manada faz uma pausa no deslocamento de forma viva e disponível para observar o acontecimento. A Manada cria um movimento que estabelece esta outra relação de um conjunto de quatro indivíduos observando um isolado, fosse as duas mãos cobrindo o rosto, corpos que se aproximam a partir da curiosidade, corpos que se afastam, mãos que alisam o chão.

Nas redes sociais, até um Instagram @manadadanca foi criado para nos divulgar melhor, lugar de amparo e apreço por tudo que pode ser e já está sendo. Seguimos resistentes, encontrando potencialidades criativas no coletivo, desfrutando a presença de corpo e a presença de afeto do outro. Manada se tornou o espetáculo de conclusão de curso que aconteceu no Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti (Bombrial) na data de 23 e 24 de Novembro de 2019. Sendo a primeira conclusão de curso Dança Bacharelado a ser apresentada fora do espaço da Universidade Federal de Santa Maria. Representa meu pensamento de que o que fazemos em arte reflete a vida.



Figura 11 - Foto de Divulgação do espetáculo Manada. Prédio 40C. Foto: Joan Felipe Michel.

Cinco figuras. Vindas de tempos e espaços distintos, vivem encontros e desencontros. Da Capoeira, das danças gaúchas, Danças Urbanas, contemporâneas, afro, do samba do fundo de quintal e do meio da avenida... das vozes indígenas, negras, femininas, transgêneras... No fluxo de movimento, do contar de suas histórias, tecem o eu com o outro. Se fazem manada. Erguem suas vozes. Irrompem com força de existir junto celebrando a diferença. Do barro aos galhos, dos galhos às folhas, das folhas ao mover-se, do mover-se ao cair dos confetes, do cair dos confetes aos encontros, a manada faz da dança sua pulsão de vida. (Sinopse do espetáculo)



Figura 12 - Foto de divulgação do espetáculo Manada. Prédio 40C. Foto: Joan Felipe Michel.

Brotam coisas vivas, pulsantes, sensíveis, que movem sentidos para além da forma. Shiiii, um gesto de silenciar que, de uma brincadeira ganha ar de drama e tensão à medida que os corpos se organizam no espaço: Lucca em pé usando duas blusas, seu rosto está coberto com a camisa de cima, enquanto faz o gesto de silêncio com o dedo indicador da mão direita; Bruna, ajoelhada de frente para o Lucca, com o rosto coberto por sua camisa; Maria Clara de joelhos no chão abraça a si mesma com olhar baixo; Naylana, deitada de bruços, braços ao longo do corpo, com o rosto voltado para o chão, e eu de joelhos ao lado da Naylana com o dedo indicador próximo a boca, faço o som de shiii, olhando para ela deitada no chão. Imagem tocante e efêmera, digna de perdurar em um registro, potente para nossa turma de TCC, instigou rememorar esta forma a partir do sentido que ela causou, tornar presente na investigação dos corpos e ser incluída na cena.

## Do fio da memória às Linhas de tensão.

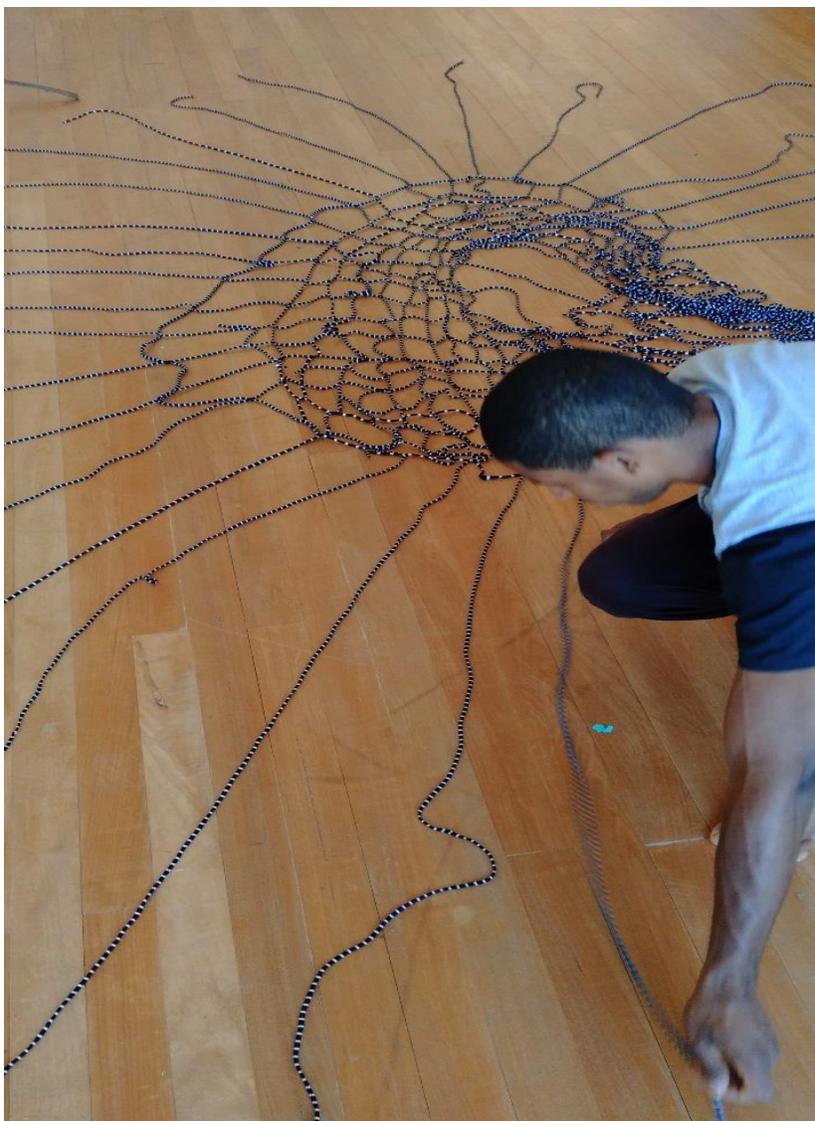


Figura 13 - Com os fios. Diário de processo. Foto: Naylana da Rosa Ferreira.

O fio, listrado em cores preto e branco, é feito de retalhos que sobram de tecido, leve, confortável e com boa elasticidade, foi doado por um amigo, o professor Élcio Rossini, do teatro. O fio se torna elemento da minha pesquisa a partir da necessidade de ter algo próximo do meu corpo, algo que faça relação com a resiliência que me acompanhou em cada passo da trajetória. Nas investigações de laboratório de criação, este fio já se

tornou um imenso cadarço de tênis que seguia no chão para além dos meus pés, como uma estrada por onde andei. Senti que era algo neste sentido que buscava, porém as experimentações ainda não contemplavam minha expectativa. O que elucidou esta elaboração, foi pensar sobre a resiliência, o reconhecimento de uma de minhas camadas mais subjetivas e relevantes na minha trajetória como bailarino. Propor esta camada me fez pensar na construção de uma camada outra, feita destes fios elásticos, muitos fios, se entrelaçando e envolvendo meu corpo, como uma rede periférica, uma borda que produz outra silhueta e uma possibilidade de movimentos para além do figurino.

O primeiro plano de contato foi proposto pela orientadora em um encontro individual. Antes de tudo precisei sensibilizar a maior camada meu corpo, a pele, com a sensação, textura e movimento que o próprio fio produz. Na sala 3006 do prédio 40C a orientadora me propôs que em pé, de olhos quase fechados, eu voltasse minha atenção à sensação do fio na pele, podendo com o tempo explorar níveis diferentes e deslocamento no espaço. Fio a fio é colocado sobre meu corpo, me movo a partir da sensação do leve peso das linhas. Durante este processo pensei: é exatamente este o caminho que preciso trilhar para de fato estar em relação com os fios na cena final. Mudo de nível, caminhando no chão sobre quatro apoios e o quadril elevado, observo a sobra dos fios que arrastam pelo chão, parece que tudo estava tão coerente e SIM, é isto, mesmo os fios leves, o maior volume deles produz uma resistência a cada passo ao se espichar e encolher no meu mover, linhas de tensão que sugerem um ralentar e um tônus comedido.

Quero armar uma rede de fios que me envolva próximo do corpo e se esparrame pelo chão evidenciando um rastro. Rede como uma teia de aranha com um espaço no centro para vestir feito um poncho (indumentária tradicionalista Gaúcha).

No dia 22 de Novembro de 2019, no Centro de Atividades Múltiplas Garibaldi Poggeti (Bombril), sentado nas escadas, estendendo fio a fio a partir dos diversos rolos de fios em cor preto e branco, fui tecendo a rede que estava em minha mente. Cada nó e amarração simboliza os encontros das relações que se cruzaram em minha trajetória. Ao vestir, senti que era bem isto que procurava compor, ela resiste ao meu movimento, desta vez encontro nesta relação de resistência a potencialidade que o processo de minha pesquisa propôs: jogar com as formas e encontrar um outro eu nas possibilidades de movimentos. Se a rede permite, eu vou, se ela resiste, eu encontro outra forma de

seguirmos juntos, movendo. Na silhueta que parece bicho, corpo enredado em fios, os fios lembram correntes sendo arrastadas por meus ancestrais. É com a malandragem da Capoeira, a alegria do menino agitado, o tônus do preto em movimento, no desbravar de mim mesmo que encontro a separação dos fios. Irrompendo em Dança contando minha história, norteadas de encontros e potencialidades em dança na trajetória do bailarino-pesquisador.

## CONCLUSÃO

O contexto acadêmico mobilizou a percepção de dança para além das bordas do corpo, re-significou as formas, modos de fazer e pensar dança. Refletido me vejo de fora, e de dentro para fora, percebo a cada passo do fazer sensível que o campo das artes convoca. Preponderou o olhar as formas de pensar como faço o que eu faço e o que me move. Dessas respostas brotam o que não estava dado, está no processo desvelado ao longo da trajetória acadêmica, as potencialidades de cada encontro teórico-prático e contido nas coisas efêmeras que norteiam minha caminhada. Evoluir é, para mim, lidar com nossas transformações diárias na trajetória do processo formativo. Falo na lida sem premissa de domínio constante do saber, mas com a atenção e a premissa de se colocar em obra a todo momento. Como disse Tatiana da Rosa, após assistir ao ensaio da Manada: Não é sobre saber, é sobre ir aprendendo.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, F, J, **Capoeira – Bahia, séc. XIX**; Imaginário e documentação Salvador: Instituto Jair Moura, 2002.

CERQUEIRA, Ana Carolina. “EMPODERAMENTO: Não é sobre o tamanho do seu black power.” In: <https://www.geledes.org.br/> , 22/09/2015.

CORTELLA, M. S. **Porque fazemos o que fazemos**: Aflições vitais sobre trabalho, carreira e realizações: São Paulo. Editora Planeta, 2018

SILVA, R. L. “A potência artística do corpo na capoeira angola”. São Paulo, **ILINX Revista do Lume Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais- UNICAMP**, 2012.

KELEMAN, S. **Realidade somática**. São Paulo. Summus,1994.